



O Gaiato

AVENÇA

Quinzenário * 13 de Setembro de 1975 * Ano XXXII — N.º 822 — Preço 2\$50

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Director: Padre Luiz

O NOSSO JORNAL

Este número e o próximo, aproveitando o fim de férias, irá aparecer pela mão dos nossos Rapazes em muitas terras aonde eles não costumam ir quinzenalmente.

Trata-se de uma campanha de assinaturas ambulante, apresentada pelos próprios Rapazes e destinada a cobrir aquele deficit de alguns milhares de jornais que iam para Angola e Moçambique, dos quais apenas seguem aqueles que, com muita probabilidade, encontrarão destinatários.

A estes uma primeira palavra. Deslocados dos seus domicílios, no meio de riscos e aflições, estão voltando tantos que há muito não pisavam Portugal senão de visita e vão vir outros tantos, ou mais, que nem conheciam ainda a terra de seus avós. Para eles a nossa solidariedade e a comunhão sincera no pesar de que metas certas se tenham procurado por caminhos invios.

Como não entender a vossa inquietação, se somos até participantes dela na sorte carregada de interrogações que pesa sobre os 260 que vivem em nossas Casas de Angola e Moçambique?!

O nosso Jornal que tem sido para tantos um companheiro amigo de muitas horas boas, não deixará de o ser nesta de provação. Por isso lhes pedimos que, mal saibam de novo endereço, no-lo comuniquem; e «O Gaiato» irá, como sempre foi, sem preocupação de preço, que esse será saldado quando, como, se for possível — e as contas estarão sempre feitas. O que não podemos, nesta hora de carência de materiais, é mandar o Jornal na incerteza, melhor, na quase certeza de que a maioria o não vai receber. Mas, ansiosamente aguardamos — repito — notícias destes assinantes, alguns dos quais vão dando já sinal de si, vários a cancelar a assinatura por dificuldades financeiras, o que, para nós, não é razão.

Aos leitores das terras ora visitadas pel'«O Gaiato» nas vendas de Setembro, Júlio dirigirá a palavra em «Campanha de Assinaturas».

Oxalá os pequenos embaixadores da Obra assim credenciados pelo seu Jornal, saibam promover a simpatia dos seus eventuais fregueses. E, neste

EM DISTRIBUIÇÃO

«O LODO e as ESTRELAS»

Ao compulsar a correspondência motivada pel'«O LODO E AS ESTRELAS» apetece-nos calar o bico e deixar falar o Leitor.

Impressionante! Efectivamente, se ao ler «O LODO E AS ESTRELAS» o nosso coração sofre as consequências e a alma desperta da sonolência, que dizer, pois, da ressonância dos Leitores?!

Calemos o bico e recortemos o maior número possível de presenças.

O Leitor é que é!

Lisboa:

«Favor mandar-me outro exemplar de «O LODO E AS ESTRELAS». Deve ter sido escrito por alguém muito amigo de S. Francisco de Assis e faz-nos ver longe, até sob o ponto de vista político.

Desculpe mandar só 100\$00. Mas não há mais.. Não é para pagar; as estrelas não se pagam...»

Porto:

«O LODO E AS ESTRELAS» proporcionou-me uma bela tarde de férias! Bela, por mais um alerta para os graves problemas que alastram pelo nosso País e

pela maneira poética como eles nos são dados a conhecer.

É admirável a forma como, com tanta leveza, o Padre Telmo conseguiu pôr a nu tanta miséria!...»

Avoiro:

«Venho pagar a dívida de «O LODO E AS ESTRELAS». Que livro, santo Deus, que livro!

Li-o quase de um fôlego e até me senti esmagar.

Não me tenho esquecido de rezar por vós. Fazei o mesmo por mim, sim? Todos precisamos tanto, sobretudo na hora que passa!...»

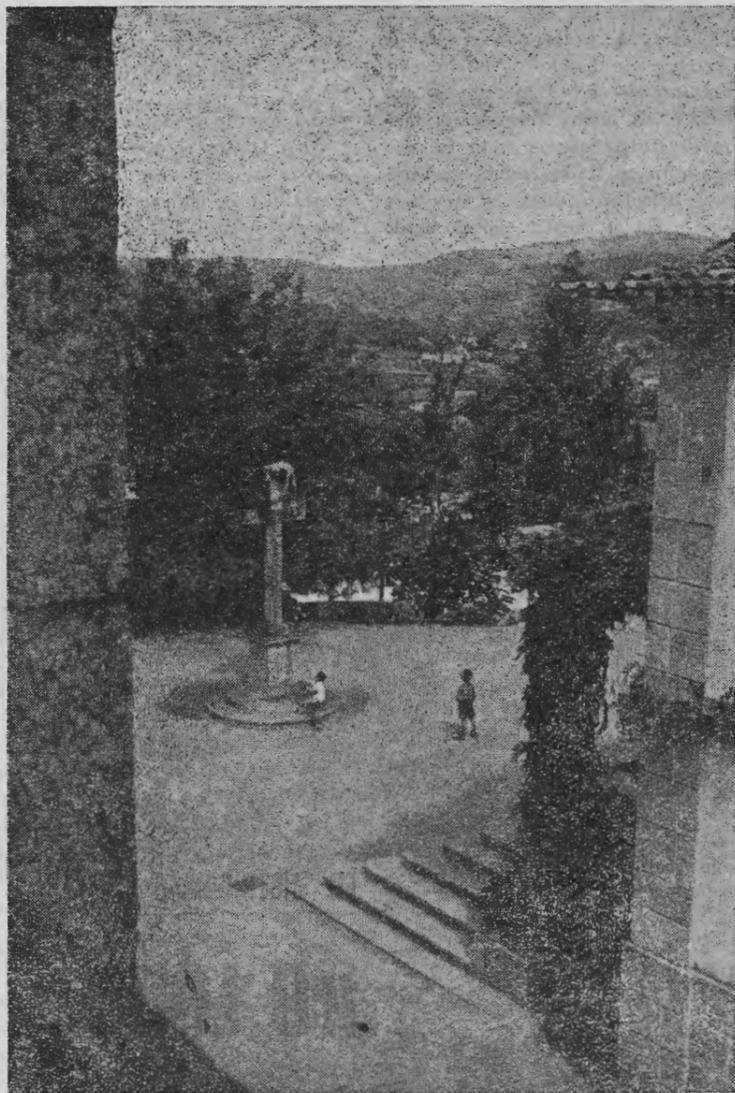
Guarda:

«Finalmente recebi «O LODO E AS ESTRELAS». Já o tinha lido há muitos anos, quando ainda estava na clandestinidade, e sempre desejei vir a possuí-lo.

Tenho-o agora enriquecido com a parte final colhida na experiência vivida na Angola-mártir.

Padre Telmo é um grande poeta que nos enriquece o espírito com um dos mais belos poemas. Este poema constitui um grito de revolta contra as injustiças sociais, contra a explora-

Continua na SEGUNDA pág.



A nossa Aldeia de Paço de Sousa é um encanto — vista de todos os quadrantes!

Continua na TERCEIRA pág.

Calvário

Anda já muito rente aos cem anos. Quem nela me falou foi um sacerdote que, nos tempos da sua meninice, a teve como catequista. Colocá-la aqui no Calvário, agora que a vê doente e sem ninguém ao lado, é uma retribuição.

As obras de misericórdia são tanto relativas ao corpo como ao espírito. E a todos é pedida a prática de ambas. Ninguém tem o exclusivo. Mesmo os profissionais do espírito não podem esquecer que, se o corpo não estiver são, periga o equilíbrio daquele.

Ela vem de facto muito mal. Naturalmente desalentada, pois corporalmente afectada. A face fala por si eloquentemente. Não é fácil poisar o olhar sobre este rosto desfigurado por cancro exposto.

— Foi dos cravos — diz ela.

Uns cravos! Pequeninos ontem. Presentemente grandes e apodrecidos.

Quando hoje vejo nas festas, mormente nos casamentos, gente de cravo ao peito, lem-

bro-me dos cravos da senhora Emília. O cravo exala perfume e em mãos delicadas orna ambientes. Mas, se apodrece, cheira mal e tem que ser retirado, pois já não serve para ornato. Aquilo que por momentos é símbolo de alegria e vida, em breve se torna figura de morte.

Os cravos da senhora Emília já murcharam há muito. Se tu me deres um ramo dos teus para que o cheiro dos dela seja atenuado com o dos teus, que bom será! Lembra-te que a vida que tens, a alegria de que disfrutas, os haveres e tudo o mais que possuis são para os partilhares. Só assim se multiplica, frutificando nos outros, aquilo que é nosso. Se nós aparecemos com o alento junto dos desalentados a vida destes torna-se mais fácil, mais feliz.

Entretanto vamos regar os cravos da senhora Emília com um pouco de carinho para ver se ela não desfalece atormentada.

Padre Baptista

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

PARTIDA — Estou certo de que todos os nossos queridos leitores sabem a miséria que se passa em Angola. Pois no dia 13 deste mês de Agosto o sr. Pe. Luiz partiu para África, para ajudar os outros nossos Padres das Casas do Ultramar.

Resta-me a mim e não só a mim, como a todos nós, pedir que Deus o ajude nas horas difíceis e que seja feliz nessas mesmas horas.

CASAMENTO — No dia 9 do mês de Agosto, casou em nossa Casa o Faustino.

Por volta do meio-dia os convidados entraram na Capela para assistirem à santa Missa celebrada pelo sr. Pe. Carlos.

No fim da Missa, e por volta das 2 horas, foi a boda que se efectuou no antigo refeitório dos mais pequenos.

Tudo correu na melhor ordem.

Pois que sejam felizes ao longo da vida, e que Deus os ajude nas horas de maior aflição.

Parabéns aos dois.

UM CASO DE SEMPRE — «Amáveis uns aos outros como Eu vos ame», assim disse naquele tempo o Senhor. Isso estará a acontecer? Com tantas guerras, com tanta fome, tanta miséria, será possível que isso esteja a acontecer?

Eu bem desejava que a guerra acabasse e que fôssemos bons uns para os outros, mas para isso teria de começar por mim mesmo; pois assim nada feito.

Muitos desses homens que combatem, com certeza não ouviram ainda falar de Deus. Pois para isso é preciso que nos ofereçamos para os ajudar a conhecer o Senhor.

Quando nos amarmos uns aos outros, voltará a fatura, a paz e o sossego; sem isso nada feito.

Amarmo-nos uns aos outros como Deus nos amou e só assim é que pode deixar de haver ódios, guerras, etc.

AS CRIANÇAS — Para mim as crianças são um botão de rosa. Devem ser bem estimadas, pois elas precisam: saber amar, viver a liberdade, saber criticar e rejeitar, não ter receio de amar... Muitas coisas mais vos poderia dizer, amigos leitores. Mas para quê? Sim, para quê?, se tantas crianças por esse mundo fora sofrem quer de doenças, quer de traumatismos... Que pena!

As crianças dão-nos o exemplo da humildade. E lembrem-se disto: «Se não vos tornardes como estas crianças não entrareis no Reino dos Céus». E isto é verdade, pois as crianças dão-nos grandes exemplos. Eu tanto queria ser criança!...

Elas brincam livremente, sem barreiras e falam livremente e, muitas vezes, até nos dão ideias muito agradáveis.

Na crise que atravessamos a criança passa muito, por descuido dos pais ou mesmo de propósito.

Vamos meditar e pensar que as crianças são os nossos irmãos mais pequenos.

Marcelino

TELEVISÃO FINLANDESA — Na passada terça-feira, dia 27, tivemos cá uma simpática equipa de reportagem pertencente à Televisão Finlandesa que muito curiosamente filmou os recantos mais espectaculares da nossa Aldeia.

Guiados especialmente pelo nosso Alvaro Henriques saíram à rua onde contactaram com as pessoas e filmaram vistas tipicamente deslumbrantes da nossa Aldeia de Paço de Sousa.

R T P — No dia seguinte tivemos a equipa de filmagem dos programas «Impacto» e «Ensaio», começando por registar algumas palavras de Padre Carlos que historiou como nasceu a Obra da Rua, como e quem a continuou depois de Pai Américo e o que ela é actualmente.

Seguidamente, acompanhados do Júlio Mendes, filmaram belas paisagens da nossa Aldeia.

NOVO ENTRETENIMENTO — De alguns dias para cá a maioria dos rapazes empenharam-se no trabalho de arranjar tábuas e sabão para melhor poderem escorregar nas lajeiras da nossa Aldeia. Ai o sabão da tipografia e da casa-mãe!

Nas horas livres é vê-los entusiasmados com este novo invento que lhes tem proporcionado satisfação e interesse total.

VISITANTES — No passado domingo fomos surpreendidos por uma grandiosa excursão de Vilar do Paraíso, tendo participado na Missa celebrada em nossa Capela. Depois, no recinto da casa-mãe, entoaram cantares harmoniosos, os quais chamaram a atenção de alguns dos nossos Rapazes e dos próprios «Batatinhas».

Para encerrarem tão alegre convívio deixaram-nos como oferta a quantia de 4.825\$50 e, também, este estribilho cheio de amizade e beleza:

*Sempre a cantar
Com animação
Com amplo sorriso
Nós vamos levar
Pedacinhos de pão
De Vilar do Paraíso.*

Aí está como nós — Obra da Rua — somos do Povo!

Manuel Amândio

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

VIÚVAS — Neste País, as Viúvas sofreram — e ainda sofrem — de carências e omissões; quando, por natureza, deveriam merecer carinho e desvelo especiais — como fizeram os primeiros Cristãos, há dois mil anos. Os primeiros!

Os anos amargos de criança na orfanidade permanecem vivos em nossa

alma... A Criança é sempre uma grande vítima das carências sociais! Daí sentirmos em nossa carne, ao vivo e sem manipulações, as injustiças ou a miséria das Viúvas.

São credenciais!

Vamos oferecer objectivamente mais uma pequenina amostra de como no ano da graça de 1975 ainda é possível, com frieza burocrática, dar a porta na cara das Viúvas:

«Ex-mos Serviços de Contencioso da Caixa Nacional de Pensões Lisboa

Sou a Viúva do Beneficiário... Sou analfabeta... e dada a minha condição de habitante do meio rural, sem fácil acesso à Informação, só agora soube — por pessoa amiga — estar a ser vítima inocente de uma gritante injustiça social, que poderia ter sido logo detectada nos respectivos Serviços da Caixa...

Conforme fotocópias juntas — que mais documentação vossa não possuo actualmente — foi-me recusada a Pensão de Sobrevivência, «beneficiando» somente do mísero e vergonhoso «Reembolso de Contribuições», como dantes!! As referidas fotocópias são dos V.º ofícios de 6 de Novembro de 1974, 27 de Janeiro de 1975 e 6 de Março de 1975.

Como em Novembro do ano passado, o Secretário de Estado da Segurança Social exarou um despacho «pelo qual passou a ser concedida Pensão de Sobrevivência aos familiares de todos os Beneficiários falecidos que tenham estado abrangidos pelas Caixas de Previdência, qualquer que seja a data do falecimento», é verdadeiramente estranho não haver beneficiado logo deste despacho! De Novembro a Março são quatro meses...

Dada a razão que me assiste, e como estou a ser vítima, repito, de uma gritante injustiça social — que atropela as disposições vigentes — solicito a V.º especial obséquio de mandarem rever imediatamente todo o meu processo de Pensão de Sobrevivência.

Muito grata pelos bons ofícios de V.º

A rogo de...

Aguardemos!

PARTILHA — Ai vai a procissão: Abre o assinante 12322, do Porto, com 100\$00. Três vezes mais do Estoril «para os Pobres mais necessitados da nossa Conferência, pois chamolhe nossa por estar ligada a ela há anos. A mulher do caseiro já regressou do hospital? Infelizmente continua doente! E acrescenta esta leitora: «A minha última carta falava da tristeza que ia sentir em deixar os meus Irmãos pobres que visitava. Deixei-os inconsoláveis e eu para aqui estou só com o espírito ligado a eles. Aqui nada vejo que possa fazer. Outro ambiente, outra sociedade. Tudo árido à minha volta! Deus me acuda pois não quero habituar-me a esta situação de inútil». E termina assim: «Que o amor de Cristo continui a ser o nosso traço de união». Procure aí, na sua paróquia, uma Conferência Vicentina! Olhe que onde tudo é árido, como diz, não falta onde e quem sirva — para lhe dar a mão. Às vezes, perto de casa, quicá na mesma rua...

Mais 500\$00 de Palmira, para «uma família que precise — sufragando a alma do meu querido Marido, que Deus chamou em princípios deste ano». A presença amiga da assinante 23778, da Covilhã. E mais 200\$00, do Porto, com um cartão tão singelo e delicado! O mesmo de Lisboa, assinante 27385. O habitual da assinante 17740. «Madame X» com outros mil. «Zé Ninguém»,

50\$00. Dez vezes mais «por alma de Tereza». Oferta delicada da assinante 17929. «Uma Mãe», do Porto, com 500\$00, frisando que «é pouco, mas dado da melhor vontade». Eis o valor! Ainda do Porto outra partilha, «que será aplicada em qualquer necessidade mais imperiosa da Conferência».

Mais espírito de sacrifício:

«(...) Queira perdoar não ir mais, mas nesta campanha tive prejuízos graves que me obrigam a entregar a casa aos credores...» É de Lisboa.

Mais Oledo com 200\$00, da assinante 7468 e que diz: «É pouco para o muito que desejava dar; com a vida cara como está, todos sabemos, não me é possível ser mais generosa, pois ainda há Obras na nossa região carecidas de tudo e que também temos de auxiliar».

Assim, sim!

Agora, de Barcelos, velha amiga com um remanescente «para a Conferência de que me tenho esquecido». E vem logo a seguir A. F., do Porto, com 210\$00 «por alma de meu Pai». Um sufrágio cristão!

Finalmente, 100\$00 duma Filomena lisboeta e 150\$00 de Costa de Castelos.

Em nome dos Pobres — muito obrigado.

Júlio Mendes

EM DISTRIBUIÇÃO

«O LODO e as ESTRELAS»

Cont. da PRIMEIRA página

ção do homem pelo homem, contra o ódio que gera o ódio e contra a violência que gera violência. Quem me dera que ele fosse lido e entendido por todos os homens do mundo, pois o drama é universal...»

Lisboa:

«Já li alguns trechos de «O LODO E AS ESTRELAS». São drama, poesia, são tragédia, tudo amassado, fundido nas mesmas páginas.

É sobre páginas destas que nos devemos debruçar e meditar. Mais que isso, porque meditação sem acção imediata ou a curto prazo, pouco ou nada vale. E tantas vezes lemos, meditamos, achamos bem, mas ficamos para o mesmo lado onde já estávamos. E é tão fácil! Onde está o teu tesouro, aí está o teu coração — diz o Mestre. Arranque-



Um casal de gémeos, filhos do Tolentino, o «Beça», aos 3 anos.



Filhos ilegítimos

Chega-nos a notícia da aprovação pela Assembleia eleita pelo Povo no passado 25 de Abril, do artigo 23 da nova Constituição, referente ao direito dos cidadãos a constituir família, à igualdade de direitos e deveres dos conjuges e aos direitos dos filhos, sejam quais forem as condições do seu nascimento.

Não fora a dúvida que neste turbado tempo paira sobre a eficácia das leis — tantas são feitas e desfeitas sem chegarem a cumprir-se — e nós rejubiláramos sem qualquer reserva por ter logrado assento na Lei Fundamental do País «a pequena revolução que este artigo, só por si, contém», conforme disse um deputado e foi dito muitas vezes nestas páginas desde há três dezenas de anos.

«Não há filhos ilegítimos, os pais é que o são» — proclamou Pai Américo, Proclamou e bateu-se para que assim fôsse... E continuámos a bater-nos, embora sem outro resultado que não de natureza doutrinária, já que a auto-suficiência dos Professores que ao longo destes anos assumiram o pelouro da Justiça neste País, não os deixou sentir necessidade de descer à rua para completar dessa perspectiva a visão dos problemas que do gabinete e entre livros, acharam bastante.

Quando foi da promulgação do novo Código Civil, houve um arremedo de consulta da opinião pública, a que procurámos res-

ponder em artigos publicados durante vários meses. E não contamos as tentativas frustradas de diálogo directo sobre a legislação referente aos Menores, a que poderíamos aportar, nenhum acrescento à ciência jurídica, com certeza, mas a experiência dolorosa de quem traz as mãos na massa e conhece os problemas ao nível de pessoas e vida.

Justamente em 25 de Abril de 1974 estávamos em Lisboa para preparar audiência com o então Ministro da Justiça, que não era Professor, na esperança de que, finalmente, encontraríamos alguém sensibilizado aos problemas incarnados em tantos Menores, ele que bastas vezes os tivera na mão, enquanto Juiz e Provedor da Misericórdia de Lisboa.

Compreende-se, pois, a satisfação com que recebemos a notícia agora emanada da Constituição.

É um princípio, cuja eficácia depende de uma prudente e firme regulamentação.

Dizer que «os conjuges têm iguais direitos e deveres no que respeita (...) à manutenção e educação dos filhos» está certo, mas é fácil. Necessário é que, na prática, se torne impossível a demissão destes deveres, quer seja o pai a abandonar mulher e filhos e a andar por lá criando outros problemas, quer seja a mãe.

«Os filhos nascidos fora do

casamento não podem por esse motivo ser objecto de qualquer discriminação, não podendo a lei ou as repartições oficiais usar expressões discriminatórias relativas à filiação» — diz o n.º 4 do citado artigo.

Pois porque havia a criança, sem culpa alguma das condições em que veio ao mundo, de ser vítima do erro dos progenitores? Remendava-se a ilegalidade com uma injustiça?...! A lei era absolutamente farisaica: «uns comiam os figos, a outros rebentava a boca».

Nem se diga que esta medida diminui a instituição familiar. Errar é sempre possível. Endos-

sar ao Inocente os prejuízos da culpa, injustiça que clama. Corrigir o erro, sempre meritório e dignificante.

«Os filhos não podem ser separados dos pais, salvo quando estes não cumpram os seus deveres fundamentais para com eles e mediante decisão judicial» — está consignado no n.º 5 do Art. 23.

E se os não cumprirem — não sendo física ou psiquicamente inábeis — comine-se esta demissão com pesadas penas, que afigurem os tentados da tentação, mediante intervenção judicial rápida que não deixe embrulhar os

problemas na teia de processos sem fim.

Se o problema é de pão, não se separem por isso os filhos dos pais. Dê-se aos pais o pão que lhes falta e ninguém o administrará tão bem como eles.

Isto descobriu Pai Américo desde o princípio, ele que fundou as Casas do Gaiato com a convicção sincera de que a sua glória consistiria em não serem mais precisas e, desde sempre, nomeadamente em relação a mães sózinhas e capazes, preferiu dar-lhes o pão que lhes faltava a receber-lhes os filhos que lhes faziam falta.

Padre Carlos

Campanha de Assinaturas

Vamos ao encontro dos homens, de todos, gregos e troianos — sem distinção.

Algumas terras do Norte do País, sem a presença regular de «O GAIATO», terão a visita esporádica dos nossos pequenos vendedores, com dois objectivos: revigorar a amizade dos nossos Leitores e, sobretudo, conquistar a de muitos outros.

Como? É fácil. No selo da presente edição vai um postal RSF (resposta sem franquia), diríamos o mais aliciante convite para quantos ainda não sejam Assinantes de «O GAIATO».

Basta preencher no postal o nome e o endereço e colocá-lo no primeiro marco do correio; ou, se depois encontrarem o pequenino embaixador, depositá-lo em suas próprias mãos.

O postal é pau para toda a colher. Queremos dizer: os mais interessados, à laia dos primeiros Cristãos, poderão, inclusive, motivar a sua roda de amigos e familiares como Assinantes de «O GAIATO» e mandar os seus nomes e endereços — bem legíveis — no dito postal ou da maneira que entenderem. Como sempre, é uma tarefa

apaixonante, mais ainda, aliciante, para todos os homens de boa vontade — para todos os nossos Amigos!

A hora que escrevemos ainda não sabemos que terras serão visitadas nesta primeira ronda, de Barcelos a Vila Real, à Murtosa... Não sabemos! Mas isso não importa. Fica o recado e é quanto basta. É um recado de Paz, para revolucionários-pacíficos, em missão transcendente de amor, num mundo tão conturbado — como sempre foi, aliás.

Queríamos regressar à dé-

Júlio Mendes

mos de lá o coração, despeguemo-nos dessa coisa inerte e coloquemo-lo no vivo, naquilo que vibra, que palpita, que humaniza...»

Faro:

«Recebi «O LODO E AS ESTRELAS», que muito agradeço.

Um livro grande e dos fortes, para quem o souber ler e meditar.

Há só um caminho — o amor... e a justiça...»

Ponte de Lima:

«Recebi «O LODO E AS ESTRELAS». Obrigado. Se puderem, enviem-me outro exemplar, que gostava de oferecer.

Junto remeto um cheque de mil. É para os dois livros e a renovação da assinatura.

Aprecio muito a coragem dos vossos escritos. E a sinceridade do que dizeis. Isso é bom testemunho...»

Alcanena:

«Apreciei muitíssimo «O LODO E AS ESTRELAS» e comoveu-me, como todos os que têm publicado.

A propósito do livro, não concordo completamente com a maneira como encara a prostituição e outros casos imorais. Compreender que a falta de formação ou a miséria leve a quedas lamentáveis; que tenhamos sentimentos de piedade para com essas fraquezas, procurando levantá-las acima do lado em que se enterram, está certo; mas o tom ligeiro com que esses assuntos são tratados e a absolvição que parece dar-lhes o autor,

acho demasiado condescendente...»

Cascais:

«Venho agradecer «O LODO E AS ESTRELAS».

Na verdade, muito do que se está a passar é fruto da muita injustiça que se praticava e que não se deixava denunciar.

Antigamente havia muita exploração, mas a exploração continua e as classes mais desprotegidas continuam cada vez mais desprotegidas, sem ninguém se preocupar com eles ao nível revolucionário, entenda-se.

(...) «O LODO E AS ESTRELAS» é uma leitura que me comove, escandaliza e horroriza e simultaneamente me maravilha...»

Aveiro:

«O LODO E AS ESTRELAS» é magnífico! São precisos muitos livros como este, quero dizer: digam a verdade e nos dêem o sentido da justiça e do bem a que todos têm direito.

Ando a ler «O BARREDO» devagarinho, saboreando... que é o que há de melhor.

Peço o favor de me enviar mais um exemplar...»

Vendas Novas:

«Obrigado pelo «O LODO E AS ESTRELAS» — que os extremos tocam-se. É um ótimo elemento para umas boas férias. Vai-me servir de «companheiro», também...»

E, o que fica por publicar?!

Júlio Mendes

O NOSSO JORNAL

Cont. da PRIMEIRA página

breve exercício de duas quinzenas, imprimam neles a necessidade do «Famoso» que, ao longo do ano escolar lhes não poderão servir por suas mãos, mas que os substituirá com notícias suas e desta grande Família, em letras arrancadas ao Evangelho.

Padre Carlos

cada de 40; irmos nós mesmos por aí fora, de sacola ao ombro! Queríamos não fazer caso de distâncias, nem de alimento, nem das poucas hostilidades de que fôramos vítimas, adoçadas por uma multidão incomensurável de Amigos que cativaram outros e outros, tantos! Uns ainda vivos, muitos que o Senhor levou; no Porto, em Espinho, na Granja e noutros locais onde «O GAIATO» é morrão que faz luz, porque luz da Luz.

AQUI, LISBOA!

Neste momento em que crevo tenho presente no meu espírito o sofrimento que invade todos aqueles que deixaram as suas casas, as suas profissões, os seus amigos, se meteram dentro de um avião à procura de um pouco de paz, voando para a incerteza e para a dependência.

Assim, medito o mistério da vida, vindo à minha mente a complexidade dos homens e das relações humanas... e parece tão simples o amai-vos uns aos outros...!

Felizes os que têm Fé e são capazes de ver sentido no caos de certas situações. Felizes os que são capazes de descobrir que por trás da maldade e da agressividade, há em todos os homens uma capacidade de bem, talvez adormecida, recalcada, abafada; mas existe.

O sol nasce todos os dias e brilha sobre a terra. Umaz vezes aquece a Paz e felicidade daqueles que têm a dita de as viver; outras vezes incide sobre a dor, o desespero e a solidão de tantos outros. Não é possível a qualquer homem tirar o sofrimento da terra, mas se cada um, à medida dos

seus dons e capacidades, desse a sua colaboração nesse sentido...

Lembremo-nos de que todos os dias continuam a nascer crianças que trazem nos olhos a simplicidade e a confiança. Nós, os adultos, somos responsáveis pelo mundo que lhes fazemos entrar pelos olhos dentro. Se não soubermos fazer um esforço para diminuir o desencontro que reina entre nós; se não lhes ensinarmos que na vida importa ser mais e não, ter mais; se... os olhos agora límpidos se encherão de desconfiança e a desconfiança é uma lente que turva toda a beleza da vida.

Lamentemos as nossas falhas, não percamos o ânimo mesmo através da intempérie e procuremos sempre, cada dia com renovado esforço, a parcela de Paz que temos obrigação de dar aos outros homens.

Padre Abel

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T.A.P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Do que nós necessitamos

De Mesão Frio, 100\$ por alma de Laura d'Almeida. 170\$ de anónima, sendo 100\$ duma promessa e 70\$ achados. Do Porto, 150\$. «Duma velha trabalhadora», 100\$. Por alma de Maria do Céu, 50\$. Os Avós de Sintra estão presentes com 150\$. Assinante com 100\$. Roupas do Ass. 12844. De Viseu, «1.000\$ do meu subsídio de férias». Oxalá a lembrança fôsse seguida...

Esta missiva, com carimbo do Porto, trouxe-nos 100\$. Aqui vai ela:

«Enquanto a Revolução não acerta o passo, as classes desfavorecidas mais desfavorecidas permanecem, enredadas nos nós da política. Esta reflexão objectivel-a lembrando-me de todos vós. E a minha presença, de fraternidade e esperança, aqui fica — uma vez mais, com toda a sinceridade de quem acredita na igualdade profética.

Um grande abraço para todos.»

Mil e quinhentos escudos por alma de Regina Irene Ribeiro. «Obra de Deus — para os Pobres» com os 40\$ mensais.

Anónimo das Fontainhas, com 150\$. Duma pensão de sobrevivência, 750\$. Trancoso com 400\$. Ass. de Rio Tinto, com 300\$. Mais 500\$ de Febres. «Para o que acharem mais conveniente», 20 contos. E a mensalidade de 1.000\$ da Rua António Cardoso. Visitante de V. N. de Ourém, com 175\$. «O contributo modesto, das modestas empregadas da firma ORCOPE», com 150\$. Carolina com 3.500\$, de vários meses em atraso. Uma cautela de lotaria, premiada com 80\$. Várias presenças, com legenda «A promessa que a minha gratidão não esquece».

Casal de Emigrantes, em França, que todos os anos vem por aqui, à chegada de férias, antes de ir a casa da Família, deixou-nos 500\$ e um «até ao ano se Deus quiser». Mais 50\$ do Porto. 200\$ de Lisboa. Fernanda com 50\$. Por alma de Mário Soares Marques, várias quantias. E 1.000\$ de C. V. G. Igual importância de Mação. Assinante do Estoril com 100\$+100\$.

«Junto envio 500\$. São do Lecas, do Tonecas, da Rosarinho, do papá e da mamã. Beijões e abraços para todos os Rapazes». Bem hajam pela vossa amizade.

Gente amiga, vivendo em Seesbamp — Alemanha, não

nos esquecem e, sempre que podem, enviam suas migalhas. Desta vez vieram 400 Marcos. O Senhor vos dê saúde, trabalho e paz. Vale de 1.000\$ do Porto. Do Grupo «Os 20 Estrelas de S. Lázaro», 520\$. Uma caixa com roupa, do Lavradio. Mais 40\$ de papel velho e 100\$ duma graça recebida, duma Assinante. Da nossa recoveira, no Bairro da Pasteleira, 800\$. Gavião com 100\$. E 75\$ em selos, da Calçada da Estrela. E 95\$80, 3 dollars nota e 15 francos franceses, dinheiro este achado no Café Batalha e cujo dono não apareceu. De uma senhora de Armamar, em férias na Praia de Esmoriz, recolhido de várias pessoas, 125\$50. E os 100\$ em selos de correio, da Amadora. E eis uma cartinha, vinda do Porto, toda ela ternura:

«Queridos Batatinhas Nós somos três estudantes. Tivemos boas classificações e dispensas de exames, por isso enviamos esta lembrança (100\$00) das nossas pequenas economias.

A nossa vóvó disse-nos que esta era também uma maneira de agradecer a Jesus, o que nos tem ajudado, para obtermos tão bons resultados.

Gostávamos muito de ir aí pessoalmente dar-vos muitos beijinhos, mas como é impossível, mandamo-los dentro desta carta.

Maria Luisa
Rui Manuel
Eduardo José

Pois que o Senhor Jesus vos continue a ajudar. E cá vai um beijinho agradecido de todos nós.

Manuel Pinto

África

Embora nos apetecesse o silêncio enquanto nossos padres Telmo, Manuel António e José Maria não dão, eles próprios, suas notícias, o apelo da grande Família extra-muros não nos permite consentir o apetite.

Perguntam-nos muitos que se passa em nossas Comunidades africanas. Pois aqui deixamos relato breve da situação presente:

Em Moçambique tudo que diz respeito a Educação e Assistência foi nacionalizado, como muitos outros sectores da vida — sabe-se. Portanto nossa Casa de Lourenço Marques, também.

Para além do arrolamento da quinta, casas e pertences, como se concretizará a nacionalização? Que condições de sermos Obra da Rua nesse querido País recém-nascido, ao serviço do seu Povo, na linha que Pai Américo traçou? Eis uma inter-rogação ainda sem resposta.

Fomos para ficar. Não duvidamos da nossa razão de ser lá. Mas se o Poder que rege nos rejeitar como somos, nós não rejeitaremos o que Pai Américo quis que fôssemos, a vocação a que fomos chamados.

«Pobres sempre os tereis convosco...» Em qualquer latitude, de qualquer raça ou cor — Eles serão sempre a nossa parte.

Em Angola, não poderíamos fugir ao contexto de inquietação, tónico em todo o País. Mas é maravilhosa a protecção de Deus.

De Malanje-cidade resta a desolação. A Casa do Gaiato permanece incólume e nela P.e Telmo com os seus Rapazes, que não teriam para onde ir. E estão. Só os «Batatinhas», por medida de segurança, foram para Benguela. Mas onde mora a segurança? Deus os guarde a todos, como tem guardado e os livre do espectro da fome que é agora a ameaça imediata e dominante.

Em Benguela, tudo foi calmo até há semanas. Mas desde então, a presença de vários refugiados é aguilhão permanente que a todos irmana no sofrimento. E o suporte económico da cultura e exportação de bananas (agora ocasião de imensos prejuízos) e do trabalho nas oficinas de carpintaria e serralharia (agora defrontando uma construção civil paralisada) faz estremecer quem tem neste momento a responsabilidade de mais de 150 bocas, não contando o pessoal nativo que ali tinha o seu pão.

Horas sombrias, pois... Mas outras hão-de vir. Nós não queremos acreditar que seja incurável a loucura dos homens, a cegueira do seu orgulho e ambição.

Padre Carlos

Porquê?!

«Rio de Janeiro, 24 de Agosto de 1975.

(...) Depois que recebi o cartão da Editorial fiz tudo que pude para me pôr em dia com a Editorial e com «O GAIATO». Mas não consegui fazer a remessa!

Até na Agência Financial de Portugal não consegui!

Por favor, digam-me como devo fazer para o conseguir.

A Obra da Rua é a alegria da minha vida...»

Bloquearam este Amigo, porquê?!

Quem nos poderá esclarecer, também?

Parece que o vil metal vale mais do que o Homem...

Em que mundo nós estamos!

Júlio Mendes

Revolucionários

Visitámos a nova moradia de mais um Auto-Construtor, por sinal um carpinteiro. E como todas, no domínio da Auto-Construção espontânea, tem uma história que, no fundo, contesta aquela imagem triste, real, de sermos «um País pobre com espírito de milionário».

Agora, este homem tem mais poder de compra, com algumas horas que a mulher dedica a um trabalho artesanal para determinada firma, o que lhe traz boa maquia para a economia doméstica.

Como é vulgar, poderiam adquirir um carrinho para os fins-de-semana. Mas não! Primeiro a moradia. «Se nós pagamos renda (e não é pouco!), vamos mas é fazer primeiro a nossa casa, os poucos.» E acrescenta: «Carro não, não! Primeiro a casa...»

Eis a resolução de um jovem casal a quem a vida começa a sorrir! Aliás, na linha de outros, do meio rural e não só, que a gente conhece.

Estas iniciativas, por natureza discretas, e de extraordinária rendibilidade socio-económica,

demonstram que nem toda a sociedade está doente; que a Família ainda é reservatório de energias espirituais — que precisam de ser incentivadas a todos os níveis.

Há dias, a jovem esposa deu à luz mais um filho, gerado entre as preocupações específicas de dona de casa, o amanho do quintal arrendado e com mais de 1.000 m² pois o novo é exíguo, o artesanato e o difícil crescimento da moradia — como é timbre dos Auto-Construtores.

Não perdem horas na soss-trice, não senhor. Mãos calejadas. Revolucionários-pacíficos!

Durante o Verão levantaram as paredes do primeiro andar. O cimbre das escadas. As vigas e tijoleira da placa de betão, já armada, esperando quem possa ajudá-los na tarefa. E mais o poço: virou mineiro, o Auto-Construtor!

A obra é um mimo d'ordem, economia, aproveitamento de espaço! Edifício que poderá alojar uma família numerosa, como ainda é vulgar nestes

meios, sem experiências científicas de planeamento familiar.

A filha nasceu deficiente. «E nós suspirávamos por uma menina...!» — desabafa a jovem mãe. Triste, mas conformada pela fé: «Aceito o que Deus me deu». O caso, porém, tem solução, pelo bisturi do operador. E, pelo que nos dizem — ela já sabe — quando maior, a pequena não será o que é.

Referindo-se à obra, esclarece: «Até o primeiro andar a despesa tem sido feita só com as nossas economias e o nosso trabalho». Ó trabalhos! «O resto — continua — vamos

ver.» E sorri. É o sorriso dos valentes!

Não nos repugnaria partilhar, já, o pequeno auxílio a que, por justiça, têm direito. Partilha de cristãos e homens de boa vontade; que, de fonte oficial — e para os meios rurais — o doente não vê ainda remédio eficaz...

Era o cimento da placa a escorrer. Mais forças para o primeiro andar.

O dia ainda não acabou! Será no próximo encontro.

Júlio Mendes



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa